


| | |
|--|--|
|  <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p> | <p>PSICO</p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1-16, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-8623 ISSN-L: 0103-5371</p> |
| <p>http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.39900</p> | |

SEÇÃO: REVISÃO

Parentalidade e temperamento infantil: uma revisão sistemática

Parenting and child temperament: a systematic review

Parentalidad y temperamento infantil: una revisión sistemática

Stefany Lunkes¹

orcid.org/0000-0003-4167-9729
stefanylunkess@gmail.com

Carolina Duarte de Souza

orcid.org/0000-0003-3555-1120
carolzunino@gmail.com

Beatriz Pires Coltro

orcid.org/0000-0002-8471-3141
beatrizpcoltro@gmail.com

Larissa Paraventi

orcid.org/0000-0003-0825-8770
larissaparaventi@hotmail.com

Alice de Carvalho Ferreira

orcid.org/0000-0003-2250-2207
alicecarvalhoferreira@gmail.com

Mauro Luis Vieira

orcid.org/0000-0003-0541-4133
maurolvieira@gmail.com

Recebido em: 13 jan. 2021.

Aprovado em: 15 ago. 2022.

Publicado em: 21 nov. 2023.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo: Este estudo realizou uma revisão sistemática da literatura brasileira e internacional publicada entre 2015 e 2020 sobre bibliométricos, operacionalização teórica e metodológica e direcionalidade de efeitos das relações entre a parentalidade e o temperamento infantil em estudos sobre crianças de quatro a sete anos. A busca nas bases de dados BVS-Psi, Portal Regional da BVS, MEDLINE, Academic Search Premier, SocINDEX, SCOPUS, ScienceDirect, PsycInfo e PsycArticles, a partir das palavras-chave "parenting", "child temperament" e "infant temperament" resultou em 24 estudos selecionados para análise. Predominaram pesquisas norte-americanas, com delineamento quantitativo, uso de questionários e mães respondentes. O referencial teórico-metodológico utilizado para avaliar a parentalidade mostrou-se diversificado, enquanto o Modelo Psicobiológico destacou-se na avaliação do temperamento. Constatou-se que temperamento e parentalidade possuem associação direta e indireta e os efeitos dessa relação reverberam no desenvolvimento infantil. Destaca-se a importância de programas de intervenção para a promoção da parentalidade positiva e o desenvolvimento de habilidades regulatórias infantis.

Palavras-chave: parentalidade, temperamento infantil, revisão sistemática, desenvolvimento infantil

Abstract: This study carried out a systematic review of literature published between 2015 and 2020 on bibliometrics; theoretical and methodological operationalization and directionality of the effects of the relationships between parenting and child temperament in studies about 4-7 years children. The search in BVS-Psi, Portal Regional da BVS, MEDLINE, Academic Search Premier, SocINDEX, SCOPUS, ScienceDirect, PsycInfo e PsycArticles databases, using the keywords "parenting", "child temperament" and "infant temperament" resulted in 24 studies selected for analysis. North American studies predominated, with a quantitative design, with mothers responding questionnaires. The theoretical-methodological framework used to assess parenting proved to be diversified, while the Psychobiological Model stood out in the assessment of temperament. It was found that temperament and parenting have a direct and indirect association and the effects of this relationship reverberate in child development. The importance of intervention programs to promote positive parenting and the development of child regulatory skills is highlighted.

Keywords: parenting, child temperament, systematic review, child development

Resumen: Este estudio realizó una revisión sistemática de la literatura publicada entre 2015 y 2020 sobre bibliometría, operacionalización teórica y metodológica y direccionalidad de los efectos de las relaciones entre parentalidad y temperamento infantil en estudios sobre niños de 4 a 7 años. Se buscó en las bases de datos BVS-Psi, Portal Regional de la BVS, MEDLINE, Academic Search Premier, SocINDEX, SCOPUS, ScienceDirect, PsycInfo y PsycArticles, las palabras clave "parenting", "child temperament" y "infant temperament" con 24 estudios seleccionados para analizar. Predominaron los estudios norteamericanos, cuantitativos, con cuestionarios y madres respondedoras. El marco teórico-metodológico

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil.

utilizado para avaliar la parentalidad fue diversificado, mientras que el Modelo Psicobiológico se destacó en la evaluación del temperamento. El temperamento y la parentalidad tienen una asociación directa e indirecta y esa relación repercute en el desarrollo infantil. Se destaca la importancia de los programas de intervención sobre parentalidad positiva y el desarrollo de habilidades regulatorias infantiles.

Palabras clave: parentalidad, temperamento infantil, revisión sistemática, desarrollo infantil

No contexto do desenvolvimento infantil, a família é a principal responsável por propiciar os cuidados iniciais e prover suporte ao desenvolvimento e à socialização da criança. A teoria bioecológica do desenvolvimento humano (TBDH), de Bronfenbrenner e Morris (2006), afirma que o processo desenvolvimental infantil ocorre em um sistema de interações recíprocas, tornando-se cada vez mais complexo à medida que a criança interage com os aspectos biopsicológicos e com as pessoas dos sistemas dos quais faz parte ao longo do tempo. Dentre a complexidade de fatores envolvidos nesse processo encontram-se os traços de temperamento da criança como uma característica pessoal que interfere em seu desenvolvimento podendo facilitar e/ou dificultar a ocorrência de processos proximais. Essas características temperamentais, por sua vez, também são afetadas pela qualidade de processos proximais (força motriz do desenvolvimento) que ocorrem no relacionamento mãe/pai-criança (parentalidade) dentro do microsistema familiar ao longo do tempo, podendo acentuar traços de temperamento e/ou contribuir para sua atenuação. Nesse sentido, evidencia-se a relevância de revisar sistematicamente os resultados de pesquisas empíricas sobre os efeitos conjuntos que a parentalidade e o temperamento da criança exercem sobre o desenvolvimento infantil. Por ser uma teoria sistêmica, a TBDH se vale de teorias específicas para compreender cada fenômeno envolvido nos processos desenvolvimentais profundamente. Por isso, se faz necessário, primeiramente, definir conceitualmente o temperamento e a parentalidade.

As características temperamentais da criança podem ser compreendidas especificamente a partir de quatro abordagens principais de estudo

(Goldsmith et al., 1987). Para Thomas e Chess, temperamento corresponde aos componentes genéticos e inatos da personalidade que fazem com que dois indivíduos possam experimentar o mesmo evento objetivo de maneira muito distinta. Nesse modelo, as crianças são classificadas em temperamento fácil (estabilidade na atividade, abertura e rápida adaptação a situações novas, humor frequentemente positivo e de baixa ou média intensidade), temperamento difícil (instabilidade nas atividades, inibição e dificuldades ou morosidade na adaptação a situações novas, humor frequentemente negativo e de alta intensidade) e temperamento lento para reagir (dificuldade em adaptar-se a situações novas, com lenta capacidade de adaptação após repetições).

Buss e Plomin definem o temperamento como uma subclasse de três traços da personalidade que são hereditários e emergem precocemente durante o primeiro ano de vida da criança: a emocionalidade (irregularidade psicológica e tendência à expressão de sentimentos negativos – medo, raiva e tristeza), a atividade (frequência, intensidade, quantidade e qualidade da expressão verbal e corporal) e a sociabilidade (propensão à ansiedade e à responsividade nas interações sociais). O temperamento é concebido pelas diferenças individuais nas tendências de experimentar e regular as emoções primárias, como alegria, interesse, raiva, medo e tristeza, na abordagem das emoções discretas, conforme proposto por Goldsmith et al. (1987).

Por fim, o modelo Psicobiológico do Temperamento (Rothbart & Bates, 2006) o caracteriza pelas diferenças individuais de base constitucional nos sistemas de reatividade e autorregulação, sendo um fenômeno que emerge precocemente no desenvolvimento e possui relativa estabilidade temporal. A reatividade refere-se à responsividade do indivíduo a estímulos ambientais e envolve resposta motora, afetiva e sensorial e é composta pelos fatores de afeto negativo (AN), referente à tendência da criança experimentar emoções negativas como medo, raiva, tristeza e/ou desconforto; e extroversão, caracterizada pelo alto nível de atividade motora, iniciação rápida de res-

postas, preferência por situações que envolvem estímulos de alta intensidade e inquietação ao se aproximar de situações novas. A autorregulação refere-se ao controle executivo que opera na modulação da reatividade, permitindo a inibição de uma resposta dominante em detrimento de uma resposta subdominante, composta pelo fator controle com esforço (CE), relativo à capacidade da criança exercer o controle inibitório, focalizar a atenção e exibir satisfação em atividades com estímulos de baixa intensidade.

Enquanto as duas primeiras abordagens focam nos aspectos biológicos e estáveis do temperamento, as duas últimas consideram-no passível de modificações durante o processo desenvolvimental, sendo a maturação biológica e o contexto familiar os principais elementos que influenciam as características temperamentais na infância (Rothbart & Bates 2006). Nesse sentido, pesquisas têm investigado a possibilidade de que características da criança influenciem os comportamentos parentais (Bates et al., 2019), indicando a possibilidade de uma bidirecionalidade na relação entre o temperamento infantil e a parentalidade.

De acordo com esse entendimento no Modelo dos Determinantes da Parentalidade de Belsky revisado por Taraban e Shaw (2018), as características individuais da criança, em particular o temperamento infantil, interagem simultaneamente com características parentais (história desenvolvimental, gênero, psicopatologias e personalidade) e os fatores contextuais (conjugabilidade, rede de apoio). Essas interações moderam as relações entre as diferentes categorias para potencializar ou dificultar os comportamentos parentais. Portanto, nesse modelo, o exercício da parentalidade é complexamente influenciado pela interação de diversos fatores que podem promover ou dificultar o desenvolvimento infantil.

A parentalidade corresponde ao conjunto de comportamentos pelos quais figuras parentais (pais, mães e outros cuidadores) se engajam na criação de seus filhos (Volling & Cabrera, 2019). Na maioria dos estudos empíricos, ela é pesquisada por meio dos estilos parentais (EP ou tipologias

gerais da parentalidade) e/ou das práticas parentais (PP). De acordo com Baumrind, os EP são um conjunto de atitudes dos pais em relação à criança que cria um clima emocional no qual os comportamentos parentais são expressos. Já as PP, referem-se a comportamentos e estratégias específicas realizadas na direção de atingir os objetivos parentais de socialização e educação da criança sendo classificadas como positivas (relacionadas a comportamentos de afeto positivo, responsividade, envolvimento, disciplina firme e positiva) ou negativas (caracterizadas por afeto negativo, punição, disciplina negativa, abuso físico e psicológico, baixa consistência e supervisão – Paraventi, 2018).

Revisões de literatura apontam para efeitos de interações entre parentalidade e temperamento infantil (Schmidt et al., 2019; Schmitz et al., 2020). Evidências sugerem relações significativas entre maiores níveis de AN e PP negativas, como controle psicológico, controle comportamental, violência psicológica e castigo físico (Bates et al., 2019); assim como entre maiores níveis de CE e afeto parental, bem como entre menores níveis de CE e *harsh parenting*, que incluem comportamentos parentais de gritar, ameaçar e bater na criança (Bates & Pettit, 2015). Resultados sobre extroversão são menos robustos, e indicam que maiores níveis de extroversão se associam à parentalidade positiva, exceto quando a criança apresenta altos níveis de impulsividade (Bates & Pettit, 2015; Bates et al., 2019).

Apesar dos dados disponíveis apoiarem a existência de correlações entre os construtos, os resultados e compilado desses estudos não forneceram evidências suficientes para se chegar a uma conclusão contundente sobre a direcionalidade da relação, conforme apresentada no modelo de determinantes da parentalidade de Belsky. Desse modo, não é possível determinar com clareza em que grau: (a) a parentalidade molda as características temperamentais das crianças, (b) o temperamento das crianças afeta a parentalidade das figuras parentais, e (c) se essa relação é bidirecional, ou seja, ambos os fenômenos de influenciam mutuamente, caracte-

rizando-se como uma área ainda em construção (Bates & Pettit, 2015; Bates et al., 2019). Compilar os achados sobre as relações entre as variáveis "parentalidade" e "temperamento infantil" permite especular sobre o contexto das PP e as repercussões posteriores no desenvolvimento infantil, embasando ferramentas para a atuação dos profissionais da saúde na prevenção de fatores de risco ao desenvolvimento – como psicopatologias e problemas de ajuste – e na promoção da saúde psicossocial da criança e da família.

Nesse sentido, desenvolveu-se uma revisão sistemática da literatura nacional e internacional indexada, publicada entre 2015 e 2020, sobre parentalidade e temperamento infantil, em famílias com crianças de quatro a sete anos, com o objetivo de: (a) descrever os dados bibliométricos dos estudos; (b) caracterizar a operacionalização teórica e metodológica sobre parentalidade e temperamento infantil; e (c) descrever e analisar as relações encontradas entre as variáveis diferenciando os resultados que indicam correlações, efeitos diretos direcionais e bidirecionais entre os fenômenos e efeitos indiretos de moderação e mediação.

Método

Foram seguidas as etapas de condução de uma revisão sistemática de Donato e Donato (2019) para busca por publicações sobre parentalidade e temperamento infantil, considerando 12 dos 14 critérios do *Assessment of Multiple Systematic Reviews* (AMSTAR – Costa et al., 2015) – o item 6 não foi atendido por limitação metodológica e o item 11 não foi considerado por não ser uma metanálise. O levantamento de artigos nacionais foi feito por meio da Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil (BVS-Psi), e de artigos internacionais via Portal de Periódicos CAPES/MEC acessando as bases: Portal Regional da BVS, MEDLINE Complete (Ebsco), Academic Search Premier (Ebsco), SocINDEX with Full Text (Ebsco), Scopus (Elsevier), ScienceDirect (Elsevier), PsycInfo (APA) e PsycArticles (APA). A combinação de descritores com base nas terminologias em Psicologia da BVS-Psi (DeCs) para busca em título,

resumo e palavras-chave foi: "Parentalidade" OR "Parenting" AND "Infant Temperament" OR "Child Temperament" OR "Temperamento Infantil".

Foram considerados os estudos nos idiomas português, inglês e espanhol publicados entre o período de 1 de janeiro de 2015 a 30 de abril de 2020. Os critérios de inclusão utilizados foram: (a) ser artigo científico de estudo empírico publicado em periódico revisado por pares; (b) mensurar o temperamento infantil e a parentalidade, em quaisquer de suas dimensões; e (c) mensurar o temperamento infantil na faixa etária de quatro a sete anos, tanto por resultados de estudos anteriores apontarem dificuldade na comparação de resultados de estudos do temperamento entre crianças de diferentes fases desenvolvimentais dada a relação entre a maturação biológica e as dimensões do temperamento, como pela maior estabilidade da dimensão CE do temperamento nessa faixa-etária referida pela literatura (Shiner, 2012).

O procedimento de seleção dos artigos, descrito na Figura 1, aponta que a busca resultou em 998 artigos, organizados em tabela para a aplicação dos critérios de inclusão pela leitura dos títulos e resumos. Foram excluídos os estudos que não relacionaram a parentalidade e o temperamento infantil em suas análises. Os 24 artigos retidos nesta revisão foram organizados, lidos na íntegra e analisados por dois pesquisadores em categorias pré-estabelecidas sobre características gerais, metodológicas, resultados e conclusões obtidas. Posteriormente, todos os estudos foram revisados por um terceiro pesquisador.

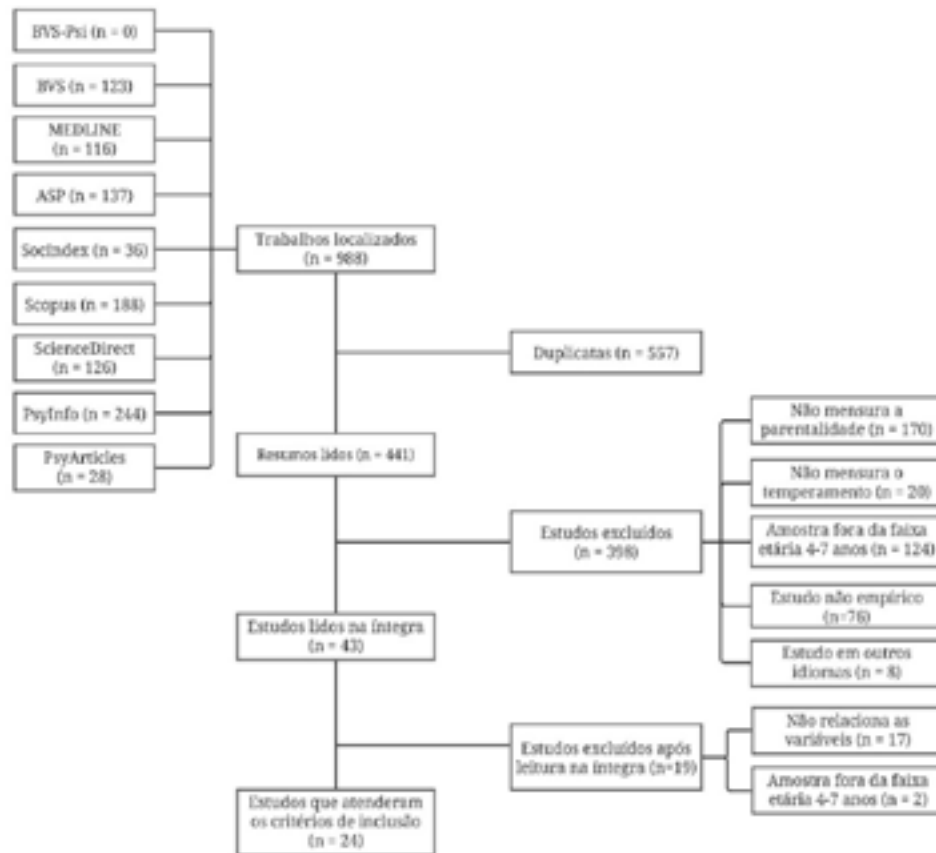


Figura 1. Diagrama representativo do processo de seleção das publicações

A verificação da força da evidência desta revisão com base na qualidade metodológica dos artigos incluídos foi realizada pela aplicação de uma versão adaptada para os objetivos da presente revisão do *Checklist for Analytical Cross Sectional Studies* do Instituto Joanna Briggs (JBI, 2020) com exclusão do item 4 por não se aplicar ao estudo e adaptação dos itens 5 e 6 para melhor identificação de vieses nos artigos. O *checklist* adaptado está descrito na Tabela 3.

Resultados

Dados bibliométricos, desenho metodológico, população alvo e respondentes dos estudos

A Tabela 1 apresenta a numeração para identificação dos artigos, informações acerca da publicação e tamanho da amostra, que variou entre

61 e 938. Observou-se a prevalência de estudos conduzidos em países norte-americanos (n=13, artigos 5-12, 14, 16, 18, 22, 24), sendo os demais europeus (n= 5, artigos 2, 13, 15, 20, 23), euroasiáticos (n= 4, artigos 4, 17, 19 e 21) e asiáticos (n= 2, artigos 1 e 3), todos escritos na língua inglesa, com ausência de pesquisas latino-americanas e africanas. Todos os estudos utilizaram abordagem quantitativa de dados e, exceto o artigo 20, que descreveu uma intervenção, todos tinham desenho observacional. Do total, 13 contaram com coorte transversal (1, 2, 4, 5, 7-9, 11, 17, 19, 21, 23 e 24) – os demais, longitudinal. Para a coleta de dados, a maioria utilizou apenas instrumentos de autorrelato (n=13; artigos 2-6, 9, 11, 14, 17-19, 21 e 23), sete combinaram só com observação (1, 7, 10, 15, 16, 22 e 24) e três com entrevista (8, 13 e 20). O artigo 12 utilizou somente observação.

Tabela 1 – Informações acerca dos estudos incluídos na revisão, por ordem cronológica

| Estudo | Título | Autores | Ano | Revista | N |
|--------|--|----------------------|------|--|-----|
| 1 | The Influence of Parenting Style and Child Temperament on Child-Parent-Dentist Interactions | Amina-badi et al. | 2015 | Pediatric dentistry | 288 |
| 2 | The Moderating Role of Children's Effortful Control in the Relation Between Marital Adjustment and Parenting | Ato et al. | 2015 | Journal Child Family Studies | 474 |
| 3 | Interactive Effects of Parental Personality and Child Temperament with Parenting and Family Cohesion | Hong et al. | 2015 | Parenting | 268 |
| 4 | Child temperament and mother's personality as a predictors of maternal relation to child. | Kornienko | 2016 | Procedia - Social and Behavioral Sciences, | 110 |
| 5 | Mothers' Temperament and Personality: Their Relationship to Parenting Behaviors, Locus of Control, and Young Children's Functioning | Puff et al. | 2016 | Child Psychiatry Human Development | 214 |
| 6 | Differential susceptibility to environmental influences: Interactions between child temperament and parenting in adolescent alcohol use | Rioux et al. | 2016 | Development and Psychopathology | 209 |
| 7 | Mother emotion, child temperament, and young children's helpless responses to failure | Smiley et al. | 2016 | Social Development | 150 |
| 8 | Does Child Temperament Play a Role in the Association Between Parenting Practices and Child Attention Deficit/Hyperactivity Disorder? | Ullsperger et al. | 2016 | Journal of abnormal child psychology | 498 |
| 9 | The Role of Child Temperament on Low-Income Preschool Children's Relationships with Their Parents and Teachers | Acar et al. | 2018 | Infant and Child Development | 291 |
| 10 | Parenting in infancy and self-regulation in preschool: An investigation of the role of attachment history | Birmingham et al. | 2017 | Attachment e Human Development | 938 |
| 11 | Child Temperament and Home-Based Parent Involvement at Kindergarten Entry: Evidence From a Low-Income, Urban Sample | Han et al. | 2017 | Early Education and Development | 220 |
| 12 | Early childhood cortisol reactivity moderates the effects of parent-child relationship quality on the development of children's temperament in early childhood | Kopala-Sibley et al. | 2017 | Developmental Science | 160 |
| 13 | Child regulative temperament as a mediator of parenting in the development of depressive symptoms: A longitudinal study from early childhood to preadolescence | Pitzer et al. | 2017 | Journal of Neural Transmission. | 339 |
| 14 | Predictors of childhood trajectories of overt and indirect aggression: An interdisciplinary approach | Aimé et al. | 2018 | Aggressive behavior | 744 |
| 15 | Does Temperament Moderate the Relation between Preschool Parenting and School-Age Self-Regulation? Contrasting Diathesis-Stress and Differential Susceptibility Models | Cruz et al. | 2018 | Parenting | 61 |
| 16 | Bidirectional Relations Between Temperament and Parenting Predicting Preschool-Age Children's Adjustment | Klein et al. | 2018 | J. of Clinical Child and Adolescent | 306 |

| | | | | | |
|----|---|---------------|------|-------------------------------------|-----|
| 17 | The Predictive Effect of Preschool Children's Temperament Characteristics and Parenting Styles of Mothers on Ego Resiliency Level of Children | Önder et al. | 2018 | Education and Science | 367 |
| 18 | Child inhibitory control and maternal acculturation moderate effects of maternal parenting on Chinese American children's adjustment | Yu et al. | 2018 | Developmental Psychology | 163 |
| 19 | Difficult temperament and children's peer relations: the moderating role of quality of parent-child relationships | Acar et al. | 2019 | Early Child Development and Care | 94 |
| 20 | The key role of positive parenting and children's temperament in post-institutionalized children's socio-emotional adjustment after adoption placement. A RCT study | Barone et al. | 2019 | Social Development | 206 |
| 21 | The relationship between negative parenting and child and maternal temperament | Gölcük et al. | 2019 | Curr Psychol | 209 |
| 22 | Transactional relations between early child temperament, structured parenting, and child outcomes: A three-wave longitudinal study | Liu et al. | 2019 | Development and Psychopathology | 409 |
| 23 | Childhood Obesity: The Relationship Between Negative Emotionality, Emotion Regulation, and Parenting Styles | Pace et al. | 2019 | Journal of Child and Family Studies | 200 |
| 24 | The interplay between parenting and temperament in associations with children's executive function | Suor et al. | 2019 | Journal of Family Psychology | 320 |

As pesquisas enfocaram a díade mãe-criança (n= 9, artigos 4, 5, 7, 16, 18, 20, 21, 23 e 24), a criança (n= 8, artigos 1, 8, 9, 12 -14, 17 e 19) e a tríade pai-mãe-criança (n= 7, artigos 2, 3, 6, 10, 11, 15, 22). Somente o estudo 16 utilizou três fontes de dados: mãe, criança e professor; 13 estudos tiveram dois respondentes – cuidador principal e professor (n= 5, artigos 8, 9, 11, 14, 19), mãe e criança (n= 5, artigos 6, 10, 15, 20, 24), o cuidador principal e a criança (n= 1, artigo 13), mãe e professor (n= 1, artigo 18), e pai e mãe (n= 1, artigo 3). Por fim, 10 estudos utilizaram apenas uma fonte de dados: a figura materna (n= 6, artigos 4, 5, 7, 17, 21, 23) ou o cuidador principal (n= 4, artigos 1, 2, 12, 22). O desenvolvimento atípico só foi amostra do estudo 8.

Temáticas dos estudos

Treze estudos investigaram a parentalidade e o temperamento infantil associados a desfechos no desenvolvimento (artigos 3, 12, 16 e 22), ajuste socioemocional (artigos 13-14, 18-20 e 22) e com-

portamentos da criança (artigos 7, 15, 17 e 24). Também foram abordados: envolvimento familiar (artigo 11), conjugalidade (artigo 2), personalidade (artigos 3-5) e orientação cultural parental (artigo 18), temperamento materno (artigo 21), relações das crianças com pares (artigos 9 e 19) e relação de apego (artigos 10 e 12). Cinco artigos apresentaram contextos mais específicos: adoção (artigo 20), situação de procedimento odontológico (artigo 1), diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) (artigo 8), obesidade infantil (artigo 23) e uso de álcool na adolescência (artigo 6).

Definição e operacionalização metodológica do conceito de parentalidade

Diversas definições e perspectivas teóricas considerando os termos correlatos com parentalidade foram identificadas nos 20 estudos que conceituaram o fenômeno. As definições de EP (n=5; artigos 1, 17, 19, 22 e 23), de apego/sensibi-

lidade parental (n=5; estudos 9-10, 14, 16 e 20) e de PP (n=4; estudos 5, 11, 18 e 24) foram as mais frequentes. Também foram utilizados o Modelo dos Determinantes da Parentalidade (n=3; estudos 3, 4 e 21), as tipologias gerais de parentalidade positiva e negativa (n=2; estudos 8, 15) e relação pais-filhos (n=2; estudos 2 e 3). Como observado na Tabela 2 foram empregados 20 instrumentos diferentes para avaliação da parentalidade, com destaque para Alabama Parenting Questionnaire

(APQ) (n=3) e Child-Parent Relationship Scale (CPRS) (n=3). Quanto às dimensões parentais avaliadas, observou-se o interesse nas tipologias parentais (n=8) de EP e de parentalidade positiva e coercitiva; nas PP positivas e negativas (n=6), na qualidade e quantidade de estimulação e suporte disponíveis no ambiente familiar (n=6) e na relação pais-filhos (n=5). Apenas três estudos investigaram dimensões positivas e negativas da parentalidade simultaneamente.

Tabela 2 – Instrumentos e dimensões de parentalidade e temperamento

| <u>Estudo</u> | <u>Instrumento Parentalidade</u> | <u>Dimensão Parentalidade</u> | <u>Instrumento Temperamento</u> | <u>Dimensão Temperamento</u> |
|---------------|---|--|--|---|
| 1 | PCPR - Primary Caregivers Practices Report | EP: autoritativo, autoritário e permissivo | CBQ-VSF - Child Behavior Questionnaire Very-short Version | E, AN e CE |
| 2 | PCRI - Parent-Child Relationship Inventory | Relação cuidador-criança | TMCQ - Temperament in Middle Childhood Questionnaire | AN e CE |
| 3 | GPBS - Ghent Parental Behavior Scale | Suporte positivo | CBQ - Child Behavior Questionnaire | E, AN e CE |
| 4 | Parent-child interaction questionnaire | Relação cuidador-criança | Carey Temperament Questionnaire | E, AN e CE |
| 5 | APQ-PR - Alabama Parenting Questionnaire-Preschool Revision | EP: parentalidade positiva e inconsistente | DOTS-R Child - Dimensions of Temperament Scale-Revised for Children | fácil-difícil |
| 6 | Adaptação do PPS - Parent Practices Scale; Entrevista | PP; Monitoramento parental | CBQ | E e CE |
| 7 | Observações comportamentais | Expressão emocional positiva e negativa | Lab-TAB - Laboratory Temperament Assessment Battery: Preschool Version | Interesse e tristeza |
| 8 | APQ - Alabama Parenting Questionnaire | EP: parentalidade positiva e inconsistente | CCQ - California Child Q-Sort | Controle reativo, resiliência, emocionalidade negativa, consciência, concordância |
| 9 | CPRS-SF - Child-Parent Relationship Scale Short-Form | Relação cuidador-criança | CBQ-VSF | E, AN e CE |
| 10 | Observações de tarefas estruturadas; HOME - Home observation for measurement of the environment | Sensibilidade; Qualidade do ambiente familiar | CBQ; ITQ - Infant Temperament Questionnaire | CE; Temperamento fácil-difícil |
| 11 | FIQ-E - Family Involvement Questionnaire-Elementary Version; CPRS | Envolvimento dos pais na rotina infantil; Relação cuidador-criança | SATI - School-Aged Temperament Inventory | E, AN, CE e Inibição comportamental |

| | | | | |
|----|---|--|---|--|
| 12 | Teaching Tasks Battery | Qualidade da relação cuidador-criança | Lab-TAB | Afeto positivo e AN |
| 13 | HOME | Qualidade do ambiente doméstico | Entrevista semiestruturada e observações comportamentais | fácil-difícil |
| 14 | APQ; Perceived Parental Acceptance-Rejection Questionnaire | Negligência, hostilidade, rejeição, falta de supervisão | CBQ-VSF | E, AN e CE |
| 15 | TSRS - Teaching Styles Rating Scale | Parentalidade positiva (estimulante e sensitiva) | CPS - Child Personality Scale | Atenção, atividade, sociabilidade, adaptabilidade, expressão emocional |
| 16 | Observações | Suporte, negatividade, limites, Afeto, responsividade | Lab-TAB Preschool Version; NEPSY-II; Day-Night; Dimensional Change Card Sort; | AN e afeto positivo; CE (controle executivo) |
| 17 | PSDQ - Parenting Styles and Dimensions Questionnaire | EP: autoritativo, autoritário e indulgente | STSC - Short Temperament Scale for Children | E, AN e CE |
| 18 | PSDQ; Parental Psychological Control Measure | Controle físico; Controle psicológico | CBQ | CE |
| 19 | CPRS - Child-Parent Relationship Scale | Relação cuidador-criança | CBQ-SF - short-Form | E, AN e CE |
| 20 | Emotional Availability Scales | Disponibilidade Emocional | CBQ | AN |
| 21 | PAS - Parental Attitude Scale; PARQ - Parental Acceptance-Rejection Questionnaire - The Turkish Version | Parentalidade coercitiva; Parentalidade abusiva | CBQ; STSC | E, AN e CE |
| 22 | Observações baseadas no Teaching Tasks Battery | Parentalidade estruturada | Lab-TAB | CE e Inibição comportamental |
| 23 | PAQ-R - Parental Authority Questionnaire Revised | EP: autoritário, autoritativo e permissivo | AIS - Affect Intensity Scale | AN |
| 24 | Observações de tarefas adaptadas; Child Scaffolding Needs | Domínio da aprendizagem guiada, reciprocidade e controle | CBQ-VSF | E, AN e CE |

Definição e operacionalização metodológica do conceito de temperamento

Entre os 21 estudos que apresentaram definições e/ou modelos teóricos do temperamento, 14 utilizaram o Modelo Psicobiológico (artigos 1, 1-3, 6, 9, 11-13, 16-18, 21-22 e 24), cinco de Thomas e Chess (artigos 4, 5, 14, 15 e 19), um utilizou de Buss e Plomin (artigo 23) e um das emoções discretas (artigo 7). Como observado na Tabela 2 foram

utilizados 17 instrumentos diferentes para mensurar o temperamento, sendo que alguns estudos utilizaram mais de um instrumento para compor o mesmo fator. Onze artigos utilizaram questionários de Rothbart (seis com a versão completa do Child Behavior Questionnaire [CBQ], e cinco com as formas breve e muito breve – CBQ-SF;

CBQ-VSF) e quatro empregaram o protocolo de observação Laboratory Temperament Assessment Battery (Lab-TAB). Identificou-se ênfase nas dimensões regulatórias do temperamento (n=16), de AN (n=15) e extroversão (n= 12), com predominância de investigação simultânea de dois ou três fatores temperamentais (n=16). Três estudos avaliaram a inibição comportamental e o temperamento no espectro fácil-difícil.

Qualidade metodológica dos estudos

Como observado na Tabela 3, 21 estudos apresentaram alta qualidade metodológica, contemplando 6 ou 7 itens do *checklist* (doze receberam "sim" em todos os itens e oito receberam somente um "não"). Apresentaram menor qualidade metodológica os estudos 4 e 7, com três pontuações "não" e/ou "não está claro no artigo" cada.

Tabela 3 – Método de análise estatística do estudo e avaliação da qualidade metodológica pelo Checklist for Analytical Cross Sectional Studies do Instituto Joanna Briggs

| Estudo | Análise estatística do estudo | Critérios de avaliação | | | | | | | | Pontuação final |
|--------|--|-------------------------------------|--------------------------------|---|---|---|--|--|---|-----------------|
| | | 1. Definição de critério da amostra | 2. Descrição dos participantes | 3. Validade do instrumento de parentalidade | 5. Identificação das variáveis intervenientes | 6. Estratégia de controle de variáveis intervenientes | 7. Validade do instrumento de temperamento | 8. Adequação das análises estatísticas | | |
| 1 | Correlação de Spearman; Regressão linear | S | S | S | S | N | S | S | 6 | |
| 2 | Correlação de Pearson; Regressão hierárquica | S | S | S | S | S | S | S | 7 | |
| 3 | Correlação de Pearson; Regressão hierárquica múltipla | S | S | S | S | N | S | S | 6 | |
| 4 | Correlação de Pearson; Regressão múltipla | N | S | N | S | S | N | S | 4 | |
| 5 | Correlação de Pearson; Regressão hierárquica | S | S | S | S | N | S | S | 6 | |
| 6 | Correlação de Pearson; Regressão linear | S | S | N | S | S | S | S | 6 | |
| 7 | Regressão hierárquica | N | S | N | S | S | N | S | 4 | |
| 8 | Correlação de Pearson; Teste de efeitos direto e indireto | S | S | S | S | S | S | S | 7 | |
| 9 | Correlação de Pearson; Análise de efeitos de interação | S | S | S | S | S | S | S | 7 | |
| 10 | Correlação de Pearson; Equação estrutural | S | S | S | S | S | S | S | 7 | |
| 11 | Regressão hierárquica múltipla; Análise simples de mediação | S | S | S | S | S | S | S | 7 | |
| 12 | Correlação de Pearson; Regressão linear múltipla | S | S | S | S | S | S | S | 7 | |
| 13 | Correlação de Pearson; Regressão hierárquica múltipla | S | S | S | S | S | N | S | 6 | |
| 14 | Correlação de Spearman; Regressão logística binomial | S | S | S | S | S | S | S | 7 | |
| 15 | Correlação de Pearson; Equação de regressão | S | S | S | S | S | S | S | 7 | |
| 16 | Modelos de painel cruzados | S | S | S | S | S | S | S | 7 | |
| 17 | Correlação de Pearson; Regressão múltipla | S | S | S | S | N | S | S | 6 | |
| 18 | Análise de caminho | S | S | S | S | S | S | S | 7 | |
| 19 | Correlação de Pearson; Regressão hierárquica linear e múltipla | N | S | S | S | S | S | S | 6 | |

| | | | | | | | | | |
|----|--|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 20 | ANCOVA; Análise de mediação | S | S | S | S | S | S | S | 7 |
| 21 | Regressão hierárquica múltipla | N | S | N | S | S | S | S | 5 |
| 22 | Correlação de Pearson; Equação estrutural; regressão baseada em mínimos quadrados ordinais | S | S | S | S | N | S | S | 6 |
| 23 | ANOVA; Correlação de Pearson; Regressão logística | N | S | S | S | S | S | S | 6 |
| 24 | Equação estrutural | S | S | S | S | S | S | S | 7 |

Correlações entre parentalidade e temperamento infantil

Oito estudos descreveram correlações entre dimensões temperamentais e parentais. Correlações positivas foram encontradas entre fatores de autorregulação infantil e PP positivas: entre o CE e suporte, comunicação, envolvimento e controle (artigo 2); entre o controle executivo e a habilidade de adiar gratificação da criança e afetividade positiva, encorajamento, responsividade e estabelecimento de limites maternos (artigo 16); entre o apego seguro e as habilidades regulatórias infantis (artigo 10); entre o afeto positivo da criança e o encorajamento materno (artigo 16); e entre o medo infantil e o estabelecimento de limites materno (artigo 16) – e entre este e o CE infantil (artigo 2). Ainda foram encontradas correlações positivas do sistema de reatividade com PP negativas: NA e negligência de cuidado, coerção e falta de supervisão (artigo 14); temperamento reativo das crianças e conflito pai-filho (artigo 9); parentalidade coercitiva com reatividade temperamental (artigo 21) e impulsividade infantil (artigo 6). Além da associação positiva entre a emocionalidade positiva materna e a tristeza infantil (artigo 7).

Encontraram-se correlações negativas entre as dimensões temperamentais de controle executivo e a habilidade de adiar a gratificação e a dimensão parental de negatividade (artigo 16); entre as dimensões parentais de suporte, comunicação, envolvimento e controle com a dimensão de temperamento de emocionalidade negativa (artigo 2); e entre a parentalidade coercitiva e a sensibilidade perceptiva da criança (artigo 21).

Efeitos direcionais e bidirecionais entre parentalidade e temperamento infantil

Em quatro estudos foram relatados efeitos

diretos de direcionalidade entre a parentalidade e o temperamento. O afeto positivo materno foi preditor de aumento no CE da criança ao longo do tempo (artigo 16). O controle parental negativo (disciplina, punição severa e negligência) foi preditor de aumento do AN em crianças com baixos níveis de CE (artigo 3). O temperamento retraído/tímido em crianças foi preditor de menor envolvimento dos pais em casa, enquanto o temperamento persistente em tarefas foi preditor maior envolvimento dos pais (artigo 11). Em estudo longitudinal, a negatividade materna e o CE infantil previram reduções mútuas de três anos para 4,5 anos, ou seja, tanto a maior presença de negatividade materna aos três anos foi preditora de menor CE aos 4,5 anos, como a presença de maior CE da criança aos três anos foi preditora de maior negatividade materna aos 4,5 anos; o que indica bidirecionalidade de efeitos (artigo 16). Também os EP autoritário e permissivo interagem com traços temperamentais de persistência e reatividade da criança para prever o nível de resiliência do ego infantil (artigo 17).

Efeitos indiretos de moderação e mediação entre parentalidade e temperamento infantil

Doze estudos verificaram efeitos de moderação entre a parentalidade e o temperamento infantil. Em cinco deles, o temperamento infantil foi utilizado como fenômeno moderador da relação entre o comportamento e o ajuste socioemocional da criança com variáveis parentais de disponibilidade emocional materna (artigo 20) ou PP (artigos 14, 15, 18 e 24). Outros estudos encontraram evidências de moderação do temperamento infantil na relação dos comportamentos parentais com determinantes de conjugalidade (artigo 2) e personalidade parental (artigo 3 e 21). No artigo 6,

a presença de alta impulsividade infantil aos seis anos moderou a relação entre a parentalidade coercitiva e o de uso de álcool na adolescência.

Em investigações conduzidas sobre o efeito moderador de outras variáveis, o conflito entre pais e filhos moderou a associação entre o temperamento difícil das crianças e suas relações com os pares (artigo 19). Regressões hierárquicas mostraram uma contribuição conjunta do estilo parental autoritário e da responsabilidade emocional para a obesidade: tanto níveis mais baixos quanto mais altos de responsabilidade emocional, a obesidade das crianças tendia a ser menor quando o estilo autoritário era baixo e maior quando o estilo autoritário era alto (artigo 23). Encontrou-se, ainda, um achado Psicobiológico de que em um contexto de relacionamento de baixa qualidade com seus pais, as crianças que mostraram maior secreção de cortisol desenvolveram níveis mais elevados de AN dos três aos seis anos (artigo 12).

Efeitos de mediação foram investigados em seis estudos incluídos nesta revisão. Entre eles, três utilizaram o temperamento infantil como mediador da relação entre comportamentos parentais e desfechos na criança. Baixos níveis de CE em crianças foi identificado como um mediador da intensificação de sintomas de TDAH infantil quando combinada com disciplina inconsistente parental e sintomas de hiperatividade e impulsividade das crianças sob baixa supervisão e monitoramento dos pais (artigo 8). O autocontrole das crianças mediou parcialmente os efeitos do comportamento dos pais na idade pré-escolar sobre os sintomas depressivos posteriores (artigo 13).

Na testagem de seis modelos de mediação diferentes entre temperamento, parentalidade estruturada e desfechos infantis (problemas internalizantes e problemas acadêmicos), foram encontrados resultados significativos somente na relação entre inibição comportamental e desfechos infantis por meio da parentalidade estruturada (artigo 22). O EP dos pais mediou a relação entre temperamento da criança e sua ansiedade no contexto do atendimento odonto-

lógico, além de relacionar-se com o comportamento da criança (artigo 1). O conflito entre pais e filhos mediou parcialmente o relacionamento entre a persistência da tarefa e o envolvimento dos pais em casa, sendo que maior persistência à tarefa estava relacionada ao menor conflito entre pais e filhos, que por sua vez relacionou-se a um maior envolvimento parental em casa (artigo 11). As variáveis parentais (sensibilidade materna e qualidade geral do ambiente doméstico) foram associadas indiretamente à autorregulação infantil através do histórico de apego das crianças. Maior sensibilidade e qualidade e quantidade de estimulação e suporte do ambiente familiar predisseram um histórico de apego seguro que, juntamente com as variáveis parentais, predisse maiores habilidades de autorregulação aos 4,5 anos (artigo 10).

Discussão e considerações finais

Esta revisão sistemática da literatura sobre temperamento infantil e parentalidade em crianças de quatro a sete anos identificou uma prevalência de pesquisas quantitativas, observacionais e internacionais nos últimos cinco anos sobre temperamento infantil e parentalidade, publicadas na língua inglesa, evidenciando lacunas científicas no âmbito nacional, latino-americano e africano; bem como de pesquisas qualitativas e com propostas de intervenção. Onze estudos apresentaram corte longitudinal, dos quais seis foram conduzidos ao longo de mais de cinco anos, demonstrando força metodológica na identificação do grau e direção das relações entre as características temperamentais infantis e as PP (Bates & Pettit, 2015).

Dez estudos utilizaram mais de um tipo de instrumento, 14 mais de um respondente para coleta de dados, respondidos predominantemente pelo cuidador primário da criança, e 16 estudos enfocaram a relação da figura parental com a criança. Aponta-se lacuna em relação a estudos em contexto de desenvolvimento atípico. Ainda, como encontrado nas revisões de Klein et al., (2010) e Linhares et al., (2013) em estudos sobre temperamento infantil, majoritariamente,

as mães foram participantes das pesquisas. O relato materno pode ser privilegiado em estudos de desenvolvimento (Fagan et al., 2014) em razão de estereótipos de gênero que atribuem somente às mães a responsabilidade de cuidar/falar sobre os filhos (Palkovitz et al., 2014). Entretanto, mesmo em face do número significativo de famílias solo em que as mães são a única responsável no Brasil e no mundo, a ausência de pais nas pesquisas negligencia a compreensão da relação entre a paternidade e o temperamento, e vai de encontro ao recomendado por outras revisões (Schmidt et al., 2019; Schmitz et al., 2020).

Com relação às temáticas pesquisadas, observou-se interesse predominante nos efeitos da relação do temperamento infantil e da parentalidade sobre o ajuste socioemocional da criança, com destaque para os efeitos adversos de PP negativas associadas a baixas habilidades regulatórias e alta reatividade da criança. As experiências da infância têm impacto duradouro no ajuste socioemocional do indivíduo, tornando relevante compreender quais os fatores que contribuem para um ajuste adequado e identificar precocemente os fatores de riscos para o desenvolvimento de comportamentos disruptivos. Bates e Pettit (2015) identificaram que a investigação das relações transacionais (interações recíprocas ao longo do tempo) entre temperamento e parentalidade na predição do ajuste socioemocional infantil é uma tendência crescente nos últimos 20 anos, mas que ainda apresenta muitas inconsistências, que podem refletir tanto deficiências na medida de mensuração das variáveis, como a complexidade dos processos relativos à parentalidade e ao temperamento.

Em relação a operacionalização teórica, observou-se que os estudos ainda seguem as perspectivas conceituais mais tradicionais da parentalidade, definindo-a em termos de estilos e PP, a partir de diferentes autores e abordagens teóricas. Esse resultado vai ao encontro da revisão de Bates e Pettit (2015), que identificou as mesmas tendências quanto à caracterização da parentalidade em estudos publicados entre 2005

e 2013. Alguns autores definiram a parentalidade em termos de sensibilidade e qualidade relacional – remetendo a fatores subjacentes ao apego, enquanto outros somente apontaram relações entre PP e desfechos do desenvolvimento infantil. O uso do termo “parentalidade” para se referir à relação pai/mãe-criança é relativamente recente (Cruz, 2005), o que contribui para a falta de consenso na literatura sobre sua determinação, sendo também um reflexo da própria complexidade e multidimensionalidade do fenômeno, que deve ser compreendido e investigado de modo a abarcar suas minúcias e relações com o desenvolvimento humano (Paraventi, 2018).

A ausência de acordo teórico sobre a determinação da parentalidade possui repercussões na operacionalização de suas dimensões e, conseqüentemente, na mensuração do construto (Paraventi, 2018). A variedade de instrumentos utilizados pelos estudos desta revisão corrobora tal ponto. Assim como na definição teórica, as dimensões mais frequentemente avaliadas foram em termos de tipologias gerais de parentalidade, como os EP, parentalidade coercitiva ou parentalidade positiva. Apesar da vasta contribuição para o progresso dos estudos sobre parentalidade, a categorização das figuras parentais em EP não permite identificar especificidades que compõem a complexidade do fenômeno da parentalidade (Paraventi, 2018). Assim, aponta-se como necessária a investigação da parentalidade a partir de dimensões mais abrangentes e individualizadas, respaldadas em modelos teóricos ecológicos.

Já no que diz respeito ao temperamento infantil, a operacionalização teórica e metodológica mostrou-se consistente, com a grande parte dos estudos adotando o Modelo Psicobiológico do Temperamento para defini-lo, e utilizando instrumentos construídos com base nesse referencial, o que concorda com revisões anteriores (Klein et al. 2010; Linhares et al., 2013). Com relação ao fator temperamental avaliado, observou-se o interesse dos estudos nas dimensões regulatórias e de AN, o que concorda em parte com os dados obtidos por Lengua (2006) e por Bates et al. (2019), que identificaram em suas revisões a prevalência da

investigação do AN associado a PP. Apesar do fator extroversão ter sido avaliado em diversos estudos, apenas dois discutiram os dados relativos a essa dimensão. Cabe ressaltar que poucos estudos investigaram simultaneamente mais de uma dimensão da parentalidade e do temperamento. Estudos futuros se beneficiariam do exame simultâneo de múltiplas dimensões dos dois fenômenos, contribuindo para uma maior compreensão da interação entre os fenômenos e os desdobramentos no desenvolvimento infantil (Lengua, 2006).

Os resultados dos materiais analisados indicaram relações existentes entre temperamento infantil e parentalidade, tanto por vias diretas quanto por vias indiretas. De modo recorrente, as pesquisas identificaram que maiores habilidades de autorregulação da criança estão associadas a PP positivas, como à demonstração de afeto, estabelecimento adequado de limites e suporte emocional. Em consonância, menores habilidades regulatórias foram associadas à presença de parentalidade coercitiva e negatividade materna. Tais resultados são semelhantes aos achados de Bates e Pettit (2015) e Lengua (2006), que identificaram o afeto e o envolvimento parental positivo como preditores de aumentos no CE, enquanto o controle intrusivo dos pais se relaciona a um CE reduzido. Assim, assume-se que a dimensão regulatória do temperamento e a parentalidade apresentam trajetórias de desenvolvimento semelhantes e positivamente correlacionadas, exercendo um efeito recursivo um sobre o outro.

Observou-se, ainda, os efeitos adversos de PP negativas associadas a baixas habilidades regulatórias e alta reatividade da criança, sugerindo que um alto nível de AN na infância pode ser um fator de risco para o desenvolvimento de comportamento disruptivo, principalmente se a criança for exposta a outras adversidades contextuais. Esse fator mostrou associações com dimensões parentais negativas, como negligência de cuidado, coerção, falta de supervisão e uso de castigo físico. Além disso, crianças mais impulsivas foram consideradas mais propensas a serem expostas à parentalidade coercitiva. Sabe-se que

crianças com alta emocionalidade negativa têm pior desenvolvimento social, especialmente no contexto de parentalidade negativa ou com baixa parentalidade positiva (Bates & Pettit, 2015).

A parentalidade, sob os aspectos de conflito pais-filhos, parentalidade autoritária e/ou coercitiva agiu como moderadora da relação entre o temperamento e variáveis desenvolvimentais. No geral, crianças com baixos níveis de autorregulação e/ou altos níveis de afetividade negativa, quando expostas a uma parentalidade negativa, aparentam ser mais suscetíveis a fatores prejudiciais ao desenvolvimento, como o abuso de substância psicotrópicas na adolescência (artigo 6), comportamento alimentar de risco a obesidade (Pace et al., 2019) e relação entre pares conflituosa (artigo 19). Nesse sentido, evidencia-se a importância da parentalidade positiva como fator de promoção de desenvolvimento saudável e prevenção de comportamentos disruptivos (Taraban & Shaw, 2018). Destaca-se a importância de programas de intervenções voltados ao estímulo de uma parentalidade positiva e de intervenções voltadas ao desenvolvimento de competências sociais infantis, com ênfase nas habilidades regulatórias.

Os achados sugerem que principalmente o fator regulatório do temperamento infantil influencia as relações de elementos contextuais e com a parentalidade, e da parentalidade e com o desenvolvimento socioemocional infantil. O que evidencia a complexa rede de interações entre o temperamento infantil e a parentalidade, corroborando que temperamento afeta o modo como a parentalidade exerce seus efeitos sobre o desenvolvimento infantil (Taraban & Shaw, 2018). Ademais, são achados semelhantes aos obtidos por Bates e Pettit (2015), que concluíram que as associações entre parentalidade e autorregulação infantil ainda são dúbias, mas crianças com baixos níveis de autorregulação aparentam ser mais suscetíveis aos efeitos causados pelos pais. Nota-se que a bidirecionalidade das associações entre a parentalidade e o temperamento foram pouco exploradas pelos estudos, sendo uma lacuna a ser preenchida.

A generalização desses resultados deve ser feita com cautela, pois os estudos revisados apresentam limitações e vieses. Em parte dos estudos a natureza transversal e correlacional limitou os resultados à descrição dos fenômenos, impossibilitando a investigação das relações causais entre as variáveis. Como vieses desta revisão sistemática destacam-se as bases de dados selecionadas, a limitação de busca por estudos em somente três idiomas e por estudos com crianças de quatro a sete anos na amostra. Futuras revisões poderão incluir a literatura cinzenta e estudos com amostras compostas por crianças de outras faixas-etárias. Enfatiza-se a importância de investimento em pesquisas longitudinais do nascimento até a idade adulta que possam desvelar as mútuas influências entre aspectos do temperamento e da parentalidade e seus efeitos no desenvolvimento.

Referências

- Bates, J. E., & Pettit, G. S. (2015). Temperament, parenting, and social development. In J. E. Grusec & P. D. Hastings (Eds.), *Handbook of Socialization: Theory and Research* (2. ed. pp. 372-398). The Guilford Press.
- Bates, J. E., McQuillan, M. E., & Hoyniak, C. P. (2019). Parenting and Temperament. In M. C. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting: Children and Parenting* (3. ed. pp. 330-364). Routledge.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The bioecological model of human development. In R. M. Lerner (Ed.), *Handbook of Child Psychology: Theoretical Models of Human Development* (pp. 793-828). John Wiley & Sons.
- Costa, A. B., Zoltowski, A. P. C., Koller, S. H., & Teixeira, M. A. P. (2015). Construção de uma escala para avaliar a qualidade metodológica de revisões sistemáticas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(8), 2441-2452. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015208.10762014>
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Quarteto.
- Donato H., & Donato, M. (2019). Etapas na condução de uma revisão sistemática. *Acta Med Port*, 32(3), 227-235. <https://doi.org/10.20344/amp.11923>
- Fagan, J., Day, R., Lamb, M. E., & Cabrera, N. J. (2014). Should researchers conceptualize differently the dimensions of parenting for fathers and mothers? *Journal of Family Theory & Review*, 6(4), 390-405. <https://doi.org/10.1111/jftr.12044>
- Goldsmith, H., Buss, A., Plomin, R., Rothbart, M., Thomas, A., Chess, S., Hinde, R. A., & McCall, R. B. (1987). Roundtable: What is temperament? Four approaches. *Child Development*, 58, 505-529. <https://doi.org/10.2307/1130527>
- Joanna Briggs Institute. (2020). Checklist for Analytical Cross Sectional Studies. *Critical appraisal checklist for analytical cross sectional studies*. https://joannabriggs.org/sites/default/files/2019-05/JBI_Critical_Appraisal-Checklist_for_Analytical_Cross_Sectional_Studies2017_0.pdf
- Klein, V. C., & Linhares, M. B. M. (2010). Temperamento e desenvolvimento: revisão sistemática da literatura. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 821-829. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722010000400018>
- Lengua, L. J. (2006). Growth in temperament and parenting as predictors of adjustment during children's transition to adolescence. *Developmental Psychology*, 42(5), 819-832. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.42.5.819>
- Linhares, M. B. M., Dualibe, A. L., & Cassiano, R. G. M. (2013). Temperamento de crianças na abordagem de Rothbart: estudo de revisão sistemática. *Psicologia em Estudo*, 18(4), 633-645. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722013000400006>
- McKee, L. G., Jones, D. J., Forehand, R., & Cuellar, J. (2013). Assessment of parenting behaviors and style, parenting relationships, and other parent variables in child assessment. In D. H. Saklofske, V. L. Schwann, C. R. Reynolds (Eds.), *The Oxford Handbook of Child Psychological Assessment* (pp. 786-815). Oxford University Press.
- Palkovitz, R., Trask, B. S., & Adamsons, K. (2014). Essential differences in the meaning and processes of mothering and fathering: Family systems, feminist and qualitative perspectives. *Journal of Family Theory & Review*, 6(4), 406-420. <https://doi.org/10.1111/jftr.12048>
- Paraventi, L. (2018). *Construção e evidências de validade de uma medida das dimensões da parentalidade para pais e mães de crianças pré-escolares*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/205032>
- Rothbart, M. K., & Bates, J. E. (2006). Temperament. In W. Damon, R. M. Merner (Eds.-in-chief), & N. Eisenberg, *Handbook of child psychology: Social, emotional and personality development* (6. ed., 3 Vol. pp. 99-166). John Wiley and Sons.
- Shiner R. L. (2012). The Impact of Temperament on Child Development: Comments on Rothbart, Eisenberg, Kagan, and Schermerhorn and Bates. In R. E. Tremblay, M. Boivin, R. De V. Peters (Eds.), & M. K. Rothbart (Topic Ed.), *Encyclopedia on Early Childhood Development*. <https://www.child-encyclopedia.com/temperament/according-experts/impact-temperament-child-development-comments-rothbart-eisenberg-kagan>
- Schmidt, B., Gomes, L. B., Bossardi, C. N., Bolze, S. D. A., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2019). Envolvimento parental e temperamento de crianças: uma revisão sistemática da literatura. *Contextos Clínicos*, 12(1), 75-103. <https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2019.121.04>
- Schmitz, M., Deus, M., Gouvêa, A., Silva, S., & Vieira, M. (2020). Envolvimento Paterno e Temperamento Infantil: Revisão Sistemática de Literatura. *Interação em Psicologia*, 24(1), 545-557. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v24i1.56257>

Taraban, L., & Shaw, D. S. (2018). Parenting in context: revisiting Belsky's classic process of parenting model in early childhood. *Developmental Review*, 48, 55-81. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2018.03.006>

Volling, B. L., & Cabrera, N. J. (2019). Advancing research and measurement on fathering and child development: Introducing the issues and a conceptual framework. *Monographs of the Society for Research on Child Development*, Serial No. 332, 84(1), 1-160. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31034620>

Stefany Lunkes

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil. Residente em Saúde da Família pela Escola de Saúde Pública (ESP), em Florianópolis, SC, Brasil.

Carolina Duarte de Souza

Doutora e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil.

Beatriz Pires Coltro

Mestre e doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil.

Larissa Paraventi

Doutora e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil. Professora do curso de graduação em Psicologia e do programa de mestrado profissional em Psicologia da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), em SC, Brasil.

Alice de Carvalho Ferreira

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil.

Mauro Luís Vieira

Doutor em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil; com pós-doutorado em Psicologia pela Dalhousie University, Halifax, Canadá; pós-doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil; mestre em Psicologia Experimental pela USP. Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil.

Endereço para correspondência

Stefany Lunkes

R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n

88040-900

Florianópolis, SC, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.